

A VILA PEDREIRA E O CENTRO DE EDUCAÇÃO TRINDADE: ESPAÇOS DE ELABORAÇÃO CULTURAL

Cléa C. Escosteguy¹
Orientador Daniel Conte²
Co Orientadora Magna Magalhães³

RESUMO

Este artigo tem como tema as manifestações culturais produzidas na Vila Pedreira, área periférica do município de Esteio (RS). Destaca-se que o estudo aborda especificamente o carnaval e o Hip-Hop como elementos culturais presentes e valorizados pela comunidade em estudo. A escolha pelo hip hop e o carnaval não foi uma tarefa fácil, posto que todas as manifestações da Vila são importantes e envolvem os moradores, no entanto, por uma questão de melhor encaminhar a pesquisa, foram estas as selecionadas. O trabalho analisa a relação entre a Vila Pedreira e sua produção cultural, bem como sua articulação com o Centro de Educação Trindade espaço de incentivo de tais manifestações, pois a escola, além de ser o lugar de aulas regulares, tem seus espaços utilizados para fomentar a cultura e suas manifestações.

Palavras-chave: Cultura. Vila Pedreira. Esteio. Centro de Educação.

1 INTRODUÇÃO

Analisar a escola e, neste momento o Centro de Educação Trindade, como espaço sociocultural, significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais detalhado, que leva em conta o dinamismo do fazer cotidiano, levado e feito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, deste espaço-sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história da comunidade da Vila Pedreira. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, desvelar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

¹ Mestre em Processos e Manifestações Culturais.

² Prof. Dr. Universidade Feevale.

³ Prof.ª Dr.ª Universidade Feevale.

A discussão das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja envolvida na cultura da humanidade e, particularmente, no momento histórico em que se situa. Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, em que a referência cultural não esteja presente. A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados (MOREIRA, 2003).

A partir da perspectiva da associação entre escola⁴ e cultura, vemos suas relações intimamente ligadas ao universo educacional. Cabe questionar por que hoje essa constatação parece se revestir de novidade, sendo mesmo vista por vários autores como especialmente desafiadora para as práticas educativas. Como diz Gimeno Sacristán (2001), a educação está para trazer uma qualidade de vida e devemos ter fé em relação a ela.

A educação contribuiu consideravelmente para fundamentar e para manter a ideia de progresso como processo de marcha ascendente na História; assim, ajudou a sustentar a esperança em alguns indivíduos, em uma sociedade, em um mundo e em um porvir melhores. A fé na educação nutre-se da crença de que esta possa melhorar a qualidade de vida, a racionalidade, o desenvolvimento da sensibilidade, a compreensão entre os seres humanos, o decréscimo da agressividade, o desenvolvimento econômico, ou o domínio da fatalidade e da natureza hostil pelo progresso das ciências e da tecnologia propagadas e incrementadas pela educação (SACRISTÁN, 2001, p. 21).

Quando vemos o Centro de Educação Trindade – desde o ano de 2010 com o *Programa Mais Educação*, nos anos que se seguiram as oficinas do *Programa Integrado de Inclusão Social* e, em 2015, o *Projeto Construindo um novo caminho* –, temos a certeza de que este espaço está intimamente ligado com a cultura popular, oferecendo aos educandos uma educação sociocultural, já que não conseguimos vislumbrar a educação separada da cultura. Assenta-se sobre a ideia da igualdade e do direito de todos e todas à educação e à escola, proporcionando através das oficinas socioeducativas e culturais, possibilidades de participação para que tenham voz e vez

⁴ A escola é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade.

trocando com seus pares, a experiência e trazendo para dentro dos muros da escola. Sacristán (2001), mais uma vez, subsidia a reflexão:

Graças a ela, tornou-se possível acreditar na possibilidade de que o projeto ilustrado pudesse triunfar devido ao desenvolvimento da inteligência, ao exercício da racionalidade, à utilização do conhecimento científico e à geração de uma nova ordem social mais racional (SACRISTÁN, 2001, p. 21).

O que não pode ser esquecido é que os alunos chegam à escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola.

O que cada um deles é, ao chegar à escola, é fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais. Assim, para compreendê-lo, temos de levar em conta a dimensão da "experiência vivida". Como lembra Thompson (1981), é a experiência vivida que permite apreender a história como fruto da ação dos sujeitos. Podemos relacionar o estudo do autor com a reflexão do Timão em relação a sua música e o que ela traz.

Na música tu tem que falar o que tu vive, tu tem que mencionar na tua letra, tu não pode se vangloriar, ou cantar de pegar mulher, falar coisas que tu não faz [...] ali tudo acontece precocemente, as festas vêm mais cedo, a droga vem mais cedo, as mulheres vêm mais cedo [...] (TIMÃO, 2014, informação verbal).

É a partir das manifestações culturais, através da música, que o rapper conta as suas vivências, traz à tona a sua realidade de vida e também dos habitantes da comunidade. Eles experimentam suas situações e relações produtivas como necessidades, interesses e antagonismos e elaboram essa experiência em sua consciência e cultura, agindo conforme a situação determinada. Assim, o cotidiano se torna espaço e tempo significativos porque expressa sentimentos, frustrações e sonhos em todas as ações culturais.

A escola, nesse contexto, mais que a transmissora da cultura, da "verdadeira cultura", passa a ser concebida como um espaço de cruzamento, conflitos e diálogo entre diferentes culturas. Pérez Gómez (1998) propõe que entendamos hoje a escola como um espaço de "cruzamento de culturas". Tal perspectiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura, e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo

escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a “mediação reflexiva” que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores. Conforme Gómez (1998), a vida escolar traz um intercâmbio cultural.

O responsável definitivo da natureza, sentido e consistência do que os alunos e alunas aprendem na sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola entre as propostas da cultura crítica, que se situa nas disciplinas científicas, artística e filosófica; as determinações da cultura acadêmica, que se refletem no currículo; as influências da cultura social, constituídas pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões cotidianas da cultura institucional, presente nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola como instituição social específica, e as características da cultura experiencial, adquirida por cada aluno através da experiência dos intercâmbios espontâneos com seu entorno (GÓMEZ, 1998, p. 17).

Nesse sentido, a cultura se moderniza e se traduz em linguagens reatualizadas que são comuns aos diversos sujeitos em idade escolar. Além disso, a escola aparece como um espaço privilegiado de práticas coletivas, sociabilidades, representações, símbolos e rituais que os jovens buscam para demarcar uma identidade. Na comunidade da Vila Pedreira, o que é bastante marcante é o Hip Hop, pela linguagem que aborda, falando da realidade de vida, das injustiças, do amor, além do carnaval que está relacionado ao grande número de seres musicais, que apresentam uma prática com instrumentos e baterias e também com as terreiras que se encontram no espaço. Contudo, a escola abriu ainda mais o seu espaço para a cultura popular, após a municipalização, pois, a partir daí, iniciou-se um novo trabalho, focado no interesse dos alunos e da comunidade, oportunizando as manifestações culturais de todos os tipos e dando oportunidades da comunidade estar inserida nas atividades cotidianas, sem qualquer tipo de preconceito. O Marcelo faz uma reflexão bastante pertinente sobre este tema.

As pessoas pulavam o muro, existiam os drogaditos que pulavam o muro e a gente abria o portão, botava pra fora, por cima do muro, fazia subir, depois que eles estavam do outro lado a gente abria o portão e dizia: olha essa é a maneira correta de entrar. Então isso eram simbolismos, atos pedagógicos que significavam alguma coisa (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

Houve uma aceitação do diferente e de sua cultura, não marginalizando suas manifestações e trazendo para dentro dos muros da escola aquele que, muitas vezes, é esquecido e excluído da cidade. O processo de humanização resultou em uma aproximação de grupos com diversas práticas culturais como o Hip Hop, que, no ano de 2009, fez parte da lista de oficinas do Programa Integrado de Inclusão Social com o segmento da dança e esteve inserido no Centro de Educação com uma grande adesão por parte dos jovens.

Cabe ressaltar a reflexão feita pelo Diretor Marcelo, quando comenta sobre a relação da escola, com a vida da comunidade, onde este espaço passa a ser coletivo, na medida em que é usado para atividades familiares e dos órgãos públicos.

Então reuniões de igreja, secretarias, reuniões da associação, a quadra, foi um acordo, porque eles tinham este espaço para brincar, todo o terreno da escola que antes era um campo de futebol muito famoso, na cidade de Esteio, muitos amigos do Prefeito que contam que aqui tinha um campo que era bem legal, bom, precisou abrir mão deste campo para fazer a escola, fez-se a escola e aí ficou um cantinho do lado da escola que era o campo deles. Todo mundo brincava no horário escolar, a gente entrava, o pessoal saía, mas não tivemos problemas, política da boa vizinhança. [...] Então a quadra pra mim é o maior exemplo de escola aberta, porque ela abre, está sempre funcionando nos finais de semana (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

Com isso, vê-se que a escola não ficou distante do contexto social e que compartilha do desejo de integrar famílias e culturas e estabelece um diálogo entre diferentes manifestações culturais, levando em conta as necessidades de cada um. Romper essas barreiras de permitir o uso da escola para todos os fins foi um grande desafio porque houve indivíduos contra esta abertura dos portões. O trabalho só se concretizou pelo simples fato de que a equipe diretiva acredita na educação com uma das possibilidades de transformação social. A escola precisa escorrer para a rua. Por sua vez, a rua quer e precisa invadir a escola (MARTINS, 2008).

Assim, todos aprendiam e conheciam o foco cultural que estava sendo desenvolvido e vivido naquele momento. Dessa forma, não há como não afirmar que o espaço da escola se torna muito importante porque promove e difunde a cultura, bem como o conhecimento e as manifestações culturais populares. As manifestações culturais, quando integradas com todo o sistema de ensino, podem revolucionar este espaço. O Centro de Educação Trindade, concebido como um espaço onde pudesse vicejar uma multiplicidade de linguagens, permite florescer,

também, uma pluralidade de sentidos do humano, pois está apto a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não é mais pura e simplesmente reprodutor de aprendizado técnico e mecanicista (SILVA, 2008).

As cenas descritas evidenciam que a escola é essencialmente um espaço coletivo, de relações grupais. O pátio, os corredores, a sala de aula e a quadra esportiva materializam a convivência rotineira de pessoas. No momento em que os jovens cruzam o portão gradeado, ocorre um "rito de passagem", pois passam a assumir um papel específico, diferente daquele desempenhado em casa, tanto quanto no trabalho, ou mesmo no bairro, entre amigos. Neste sentido, os comportamentos dos sujeitos, no cotidiano escolar, são informados por concepções geradas pelo diálogo entre suas experiências, sua cultura, as demandas individuais e as expectativas com a tradição ou a cultura da escola.

Podemos dizer que a escola se constitui de um conjunto de tempos e espaços ritualizados. Em cada situação, há uma dimensão simbólica, que se expressa nos gestos e posturas acompanhados de sentimentos. Cada um dos seus rituais possui uma dimensão pedagógica, na maioria das vezes, implícita, independente da intencionalidade ou dos objetivos explícitos da escola (DAYRELL, 1992).

Antes de apresentar o trabalho do Hip Hop desenvolvido no interior do Centro de Educação Trindade com crianças e adolescentes, é essencial trazer à tona a trajetória do movimento Hip Hop, desde o seu nascimento até os dias atuais, assim como os elementos que o compõem para que possa ficar clara a sua manifestação no interior da comunidade da Vila Pedreira.

A interpretação consagrada da etimologia da palavra rap é que seja uma sigla para *rhythm and poetry* (do inglês, ritmo e poesia). O mito de origem mais frequente sobre o gênero é que teria surgido no Bronx, bairro pobre de Nova York, no início dos anos 1970. Outros MCs brasileiros defendem a ideia de que rap é a sigla para Revolução Através das Palavras. Já foi afirmado também que as três letras poderiam corresponder a "Ritmo, Amor e Poesia" (TEPERMAN, 2015). Mais do que explicações, essas são interpretações.

O Hip Hop, se tratando do elemento dança, é um destes rituais que se expressa através de gestos e que o corpo reproduz o sentimento da letra e a entonação. Atividade bastante realizada dentro do espaço do Centro Trindade, pois se identifica com os jovens, pela letra impositiva e que busca falar ao mundo das injustiças e desamores. Este gênero musical é um forte estruturador de movimentos pela valorização da identidade negra: a música, a dança e o estilo de vestir são por si sós produtores de significado.

O Hip Hop faz parte da Vila Pedreira. Ele pulsa em todos os becos e vielas. Quando se entra na comunidade, é possível escutar em alto e bom som *rappers* cantando sua música, nas esquinas das ruas sem saída. O estilo passa verdade e o MC exala confiança enquanto canta as estrofes com quadrinhas rimadas. Outro ponto a ressaltar neste gênero musical é a ausência de refrão porque, ao evitá-lo, o rap se mantém constantemente em tensão e essa é a maior marca do Hip Hop (TEPERMAN, 2015).

Portanto, o Hip Hop está presente nas atividades do Centro de Educação Trindade pelo fato de estar impregnado neste espaço, isto é, nas ruas e becos e no interior da escola e por ser reconhecido como música. Nos musicais de Natal que a escola organiza, o *rapper* Timão se faz presente. Timão representa este lugar e fala da Vila Pedreira em muitas das letras dos seus CDs porque se sente pertencente.

O Hip Hop sempre esteve presente na comunidade e, em 2015, vem em forma de oficina do *Projeto Construindo um novo caminho*. A escolha se justifica pelo número de *rappers* que moram na comunidade e agradam as crianças e adolescentes porque a linguagem é conhecida e reconhecida pela maioria dos jovens, moradores deste espaço. Dayrell (2003) faz uma reflexão sobre estes jovens que são sujeitos sociais.

Mas representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes de algum modo, ao longo da vida (DAYRELL, 2003, p. 24).

Dessa forma, se torna evidente o livre trânsito dos jovens *rappers* pelo interior do Centro de Educação porque são jovens da comunidade, se desenvolvendo e se constituindo como

indivíduos participantes e a escola é o espaço que deve fomentar esta mudança e, acima de tudo, fomentar a cultura. Quando o MC canta, ele debate, por meio das letras e também pelo discurso, temas como preconceito, violência e segregação racial e seus efeitos devastadores na sociedade, como a violência urbana.

No entanto, o grafite também é uma das manifestações do Hip Hop e, juntamente com os alunos da oficina do Projeto, construiu uma identidade para a quadra esportiva, já que é o espaço caracterizado como o coração do Centro de Educação. Este é mais um lugar em que a cultura flui, transborda pelos muros da escola e “contamina” a Vila Pedreira. O grafite foi planejado pelas crianças e pelo educador Timão. Realizaram vários esboços até chegar à ideia final.

Com este trabalho e a revitalização da quadra, o espaço foi novamente colocado à disposição da comunidade. Neste dia, foi lembrado como era a quadra esportiva há alguns anos, onde ocorriam, além de jogos, festas e ensaios da escola de samba. Não havia muro e o espaço era bastante degradado, mas, mesmo assim, muito usado. O atual diretor ressalta isso na sua fala:

Então a gente sempre empresta, emprestamos porque a verdade esse prédio tem contrato com a prefeitura, o prédio é deles na verdade, eles adoram isso aqui, então a gente devolve este prédio nesta condição de ser do coletivo, de ser algo do para o bem comum. Então assim, uma reunião da associação de moradores, ok, uma reunião do pessoal da saúde, ok, uma campanha de vacinação, ok. Essas coisas que são para eles, que são para o coletivo, não é um favor pessoal, então a gente empresta e eles cuidam. Festa por exemplo, a Mara aqui da frente, uma vez fez festa das crianças, no dia das crianças, daí se empresta a estrutura da escola, uma sala para ela poder preparar as coisas e se organizar. E vou dizer uma coisa, não tenho queixa nenhuma, nenhuma, não tem um parafuso fora do lugar, então há um respeito em relação ao prédio (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

A comunidade da Vila sempre participava dos mutirões de limpeza da quadra porque, como o trânsito era livre por não ter muros, havia certo descaso por parte de alguns usuários, prejudicando o uso. Foi neste espaço que a escola de samba nasceu, primeiro Beija Flor, depois, Império Serrano da Vila Pedreira.

Antes de falarmos sobre o carnaval produzido na Vila Pedreira e nas dependências do Centro de Educação Trindade, é importante trazermos um pouco da história do carnaval para que possamos situar de onde surgiu tamanho movimento popular de tanta grandeza e participação.

A história do carnaval no Brasil começa no período colonial. Uma das primeiras manifestações carnavalescas foi o entrudo, uma festa de origem portuguesa que, na colônia, era praticada pelos escravos. Estes saíam pelas ruas com seus rostos pintados, jogando farinha e bolinhas de água de cheiro nas pessoas. Tais bolinhas nem sempre eram cheirosas.

Ao longo do século XX, o carnaval se popularizou ainda mais no Brasil e conheceu uma diversidade de formas de realização, tanto entre a classe dominante como entre as classes populares. As escolas de samba eram o desenvolvimento dos cordões e ranchos. A primeira disputa entre elas ocorreu em 1929. A partir da história do carnaval, se torna evidente que sempre foi um movimento popular. No entanto, fora copiado pela elite brasileira a fim de que pudessem invadir as ruas e concretizar um momento de diversão, mas também de ostentação, pois buscavam espaços fechados com bailes elitizados.

Na ritualização do carnaval, os elementos se deslocam. As ruas, antes locais que direcionavam para a pesada rotina do trabalho e das disputas sociais, se abrem em um espaço receptivo para os que agora se deslocam num movimento consciente que estão em busca do divertimento. Consoante DaMatta (1997), o carnaval é um momento de permissividade.

No carnaval as leis são mínimas. É como se tivesse sido criado um espaço especial, fora da casa e acima da rua, onde todos pudessem estar sem essas preocupações de relacionamento ou filiação a seus grupos de nascimento, casamento e ocupação. Estando, de fato, acima e fora da rua e da casa, o carnaval cria uma festa do mundo social cotidiano, sem sujeição às duras regras de pertencer a alguém ou de ser alguém. Por causa disso, todos podem mudar de grupos e todos podem se entrecortar e criar novas relações de insuspeitada solidariedade (DAMATTA, 1997, p. 121).

Nesses moldes, nasceu a escola de samba da Vila Pedreira. Antes da criação da escola, os habitantes da Vila eram convidados a participar de escolas criadas em outros bairros da cidade por serem muito envolvidos e bons na bateria. No entanto, pensavam em ter a própria escola, que pudesse ser chamada de Escola da Vila. Como antes referimos, a primeira escola de samba foi a Beija Flor, formada por moradores da cidade de Esteio e alguns habitantes da Vila. Isto porque muitos gostavam de samba e pagode e queriam participar, mas não sabiam tocar nenhum instrumento. Em entrevista, Alex Santos, morador da comunidade e participante da Beija Flor faz o relato.

Como tinha um pessoal que gostava de música afro, o que que aconteceu? Todo mundo gostava de pagode, samba. Daí, quando começou a se desenvolver o Carnaval lá dentro com a Beija Flor, vários queriam se envolver, mas não sabiam tocar. Tudo começou ali. Começou uma ala de cacheta, tocava maracaná, que é aqueles tambor grandão, até os cara tocam até hoje (SANTOS, 2015, informação verbal).

Por conta de problemas internos da escola, o trabalho foi enfraquecendo e os participantes ficando desmotivados, mas o “povão”, como diz Alex Santos, participante da Beija Flor da Vila Pedreira, não queria deixar morrer todo o trabalho desenvolvido. Assim, foram convidados a estruturar um novo grupo que pudesse levar a comunidade novamente às ruas do carnaval.

Então, no dia 1º de maio de 2001, reuniram-se na Escola Trindade e estruturaram o Império Serrano da Vila Pedreira. O grupo de carnavalescos e moradores que tinham interesse em participar de algum segmento da escola se fizeram presentes e receberam todas as instruções através de um informativo que trazia como lema *A união de todos, nos levará a vitória*.

Nesta reunião, quem esteve presente à frente do processo organizativo foi o presidente Waldir Ferreira, que coordenou a escola de samba do ano de 2001 a 2003. A partir da aceitação das regras apresentadas, o grupo começou a se fortalecer e iniciou a caminhada de sedimentar a Escola Império Serrano. Em primeiro lugar, envolveram o Centro de Educação Trindade na criação das fantasias, com um pequeno concurso de desenhos. Alguns jurados escolheram os melhores. Sendo assim, no ano de 2002, em um almoço no Trindade, foi feita a escolha. Os desenhos foram expostos em uma sala de aula e os próprios autores do desenho podiam explicar e justificar a criação. O Presidente Waldir Ferreira relata que foi um momento muito rico, pois a escola se abria para o samba e os alunos participavam de uma das partes mais importantes: as fantasias que embelezam a avenida. Alex ressalta que o Centro de Educação sempre foi e continua sendo o ponto de encontro da cultura da Vila.

Então aí foi indo. Eu comecei como mestre de bateria da Império Serrano da Vila Pedreira, nós ensaiávamos na quadra aqui. Na quadra de esporte, todos os nossos ensaios eram ali e tinha o cara que levava o equipamento de som para nós, é um conhecido muito velho nosso. Então era ele que levava o equipamento de som. Como a bateria era alta e tinha muita acústica, o equipamento que ele levava era grande. Às vezes a gente tinha que fazer duas viagens (SANTOS, 2015, informação verbal).

Após a escolha, partiram para a confecção das fantasias, organizando um mutirão dentro da Vila Pedreira com as mulheres que tinham máquina de costura. Foram divididos os figurinos e foi dado o início.

A escola seguiu no propósito de não desistir e, em 2008, trouxe para a avenida a história das religiões afro-brasileiras, encantando o público e emocionando os componentes da escola – pela superação. A escola seguiu em frente, apesar das dificuldades no que diz respeito à prestação de contas e organização. Em 2015 traz como tema *as diferenças*. Os alunos do Centro de Educação participaram mais uma vez, já que este tema foi trabalhado também nas salas de aula.

A comunidade está sempre tão envolvida no carnaval que participou na escolha do rei Momo 2015 com o candidato Jean Rodrigues da Rosa, que foi o vencedor e representa além da cidade de Esteio, a Vila Pedreira, levando o nome da comunidade para muitos municípios. Jean é figura importante na Vila, pois, além de ser morador antigo, faz parte de um centro de umbanda, uma das quatro casas da comunidade.

Contudo, é importante salientar o trabalho que é desenvolvido no interior do Centro de Educação Trindade, envolvendo as manifestações culturais da Vila, ressaltando o Hip Hop e o carnaval. A cultura popular, conforme Brandão (2002), tem a sua origem nas práticas pedagógicas desenvolvidas por movimentos de cultura popular no início da década de 1960, mais precisamente entre 1960 e 1964.

A partir do ano de 2000, o Centro de Educação inicia um novo olhar para a comunidade. A equipe diretiva se mostra aberta às manifestações culturais que caminham pela Vila Pedreira e abre, não só o espaço, mas o portão e as salas de aula para que a cultura entre pela porta da frente e dê um maior significado para as vivências de sala de aula. A educação, na visão de Paulo Freire (1970), deve realizar-se como prática da liberdade. Os caminhos da libertação só estabelecem sujeitos livres e a prática da liberdade só pode se concretizar numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. Quando se pensa em Educação Popular, logo se recorre às ideias de Paulo Freire, pois, durante toda a sua vida, ele se dedicou à questão do educar para a vida, através de uma educação preocupada com a formação do indivíduo crítico, criativo e participante na sociedade.

Nestes termos, é importante observar que o ser humano, nesta educação, é um sujeito que não deve somente "estar no mundo, mas com o mundo", ou seja, fazer parte dessa imensa esfera giratória, não apenas vivendo, mas construindo sua própria identidade e intervindo no melhoramento de suas condições enquanto cidadão e buscando o direito de construir uma cidadania igualitária e justa.

Portanto, a melhor forma de ensinar é defender, com seriedade, apaixonadamente uma posição, estimulando e respeitando, ao mesmo tempo, o direito ao discurso contrário. Estará ensinando, assim, o dever de brigar por nossas ideias e, ao mesmo tempo, o respeito mútuo. Este modelo apresenta uma educação construída sobre a ideia de um diálogo entre educador e educando, em que ocorra sempre partes de cada um no outro, que não poderia começar com o educador trazendo pronto do seu mundo, do seu saber, o seu modelo de ensino e o material para as suas aulas baseados na sua cultura e valores. Dentro desta percepção é que um dos pressupostos do modelo se fundamenta na ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho (FREIRE, 1970).

O diálogo consiste em uma relação horizontal, e não vertical, entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação. No seu pensamento, a relação homem- homem, homem-mulher, mulher-mulher e homem-mundo são indissociáveis. "Os homens se educam juntos, na transformação do mundo" (FREIRE, 1970, p. 71). Nesse processo se valoriza o saber de todos. O saber dos alunos não é negado. Todavia, o educador também não fica limitado ao saber do aluno. O professor tem o dever de ultrapassá-lo. É por isso que ele é professor e sua função não se confunde com a do aluno. Ensinar é algo profundo e dinâmico. A questão de identidade cultural, que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial à prática educativa progressista. Freire (1970) salienta, constantemente, que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim a conscientização e o testemunho de vida, se não, não terá eficácia. Para Freire (1970), o homem e a mulher são os únicos seres capazes de aprender com alegria e esperança, na convicção de que a mudança é possível. Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e à aventura do ser, pois, ensinando se aprende e aprendendo se ensina.

Este é o foco de trabalho do Centro de Educação Trindade: abrir-se para todas as manifestações culturais, respeitando e aceitando e nunca fechando os olhos para o novo e o desconhecido. O Marcelo Ohlweiler, traz esta questão e salienta a valorização que devemos ter com a cultura do outro:

Eu fui daqueles que pensou: Bah será que vai colar. E eles adoram. Mas eu sempre valorizo aquilo que é deles, o Hip Hop, o funk de certa forma, e mesmo assim, tem funks maravilhosos, tem funk gospel. [...] Eles acabam curtindo, e a gente não pode fechar os olhos e dizer que não tem nada haver (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

É muito importante, neste processo, abrir possibilidade para que as manifestações culturais populares fiquem integradas com o sistema e processo do ensino formal, para que possam revolucionar o trabalho e trazer para a escola uma visão mais ampla e mais humanizada de estratégia de educação. O Centro Municipal Trindade conseguiu realizar: organizou e reestruturou o espaço onde pudesse vicejar uma multiplicidade de linguagens que florescessem. Assim, a escola se tornou um espaço de muitos sentidos, de novos sentidos do humano. Ficou apta a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não apenas um lugar de reprodução de aprendizados técnicos, produzindo a produção do conhecimento.

Quando refletimos sobre toda esta mudança na escola, lembramo-nos das palavras de Brandão (2002) que reforça que a cultura é um conjunto diverso, múltiplo, de maneiras de produzir sentido, uma infinidade de formas de ser, de viver, de pensar, de sentir, de falar, de produzir e expressar saberes, não existindo, por conta disso, uma só cultura ou culturas mais ricas ou evoluídas que outras gentes ou povos sem cultura. O carnaval e o Hip Hop presentes no espaço escolar vêm engajados nas palavras de Brandão (2002) e provam que a cultura está em todos os lugares e que a Vila Pedreira, apesar de estigmatizada por alguns, exala manifestações culturais e elas invadem os muros da escola e são aceitas e respeitadas. . Todo este trabalho só se tornou possível porque a marginalização e a discriminação não foram ressaltadas e a compreensão e valorização foram sempre lembradas. Os alunos são compreendidos numa perspectiva que “permita construção de um olhar alargado sobre a educação, como processo de humanização que inclua e incorpore os processos educativos não escolares” (GOMES, 2002, p. 1).

Vimos que o carnaval e o Hip Hop são manifestações que trazem a ideia não do individualismo, mas do coletivismo, provocando o preenchimento de vazios, antes criados pela forma egoísta de ver a escola e sua relação. O carnaval, com sua bateria e alas, precisa de um trabalho em sintonia, necessita de diálogo e combinações para que, na avenida, o desfile flua e as pessoas brilhem. No momento dos ensaios que ocorriam na quadra do Centro de Educação Trindade, podia ser vista esta organização da bateria e do puxador do samba. Alex Santos lembra que os dias de ensaio eram motivo de festa para a Vila Pedreira, porque todos se reuniam, tocavam, inventavam “breques” e aprimoravam a apresentação, promovendo discussão e sociabilidade.

Torna-se urgente ressaltar que, após todo o estudo das manifestações culturais produzidas na Vila Pedreira e como estas se relacionam com a escola, vemos o quanto as crianças e os jovens são atores, dinâmicos e politizados, por mais que a mídia queira transformá-los em apáticos e despolitizados. Eles são os principais responsáveis pela mudança radical desta comunidade no que diz respeito à cultura contemporânea, pois participa de movimentos culturais, principalmente a música. Conforme Prysthon (2009) é na periferia que os jovens se tornam protagonista cultural, sobretudo da música.

A partir de movimentos culturais oriundos da periferia, jovens das classes menos favorecidas passam a ter voz num tipo de participação política completamente distinta daqueles dos anos 1960, por exemplo. Esse aspecto pode ser facilmente encontrado no Hip Hop e no carnaval porque, quando se reúnem na escola para as oficinas e ensaios, estão também servindo de canal de expressão de questões juvenis. Os educandos e demais habitantes que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos com estas manifestações se apropriam destes conhecimentos produzidos no interior da escola e iniciam uma nova forma de olhar o outro. Trazer para dentro da escola os excluídos é aprender que é possível construir algo novo, algo que já se via perdido. O Centro de Educação Trindade é o exemplo da inovação, da democracia, da busca de uma educação mais participativa e aberta a todos os segmentos culturais, respeitando a vida e as escolhas dos habitantes da Vila que circulam no interior do Centro de Educação. Esse talvez seja um dos maiores retornos de um trabalho que foi realizado com seriedade e perseverança. O espaço da escola se

abriu para a cultura e mudou o comportamento e a vida de muitos habitantes da comunidade da Vila Pedreira. Os “outros”, os “diferentes” os de origem popular, os afrodescendentes, os pertencentes aos povos originários, os *rappers*, os funkeiros, etc., mesmo quando fracassam e são excluídos, ao penetrarem no universo escolar, desestabilizam sua lógica e instalam outra realidade sociocultural.

Pérez Gómez (1998) propõe que entendamos hoje a escola como um espaço de “cruzamento de culturas”. Tal perspectiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura, e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a “mediação reflexiva” que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores.

Em vez de preservar uma tradição monocultural e uníssona, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, para a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio, mas também o grande desenvolvimento e sucesso do Centro de Educação Trindade

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A Poética do Espaço**. Tradução Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BAUMAN, Zygmunt. **O medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Tradução Fernando Tomaz. **O Poder Simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Popular na Escola Cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. A Escola como espaço cultural. 1992- **Revista da educação**.

GÓMEZ, A. I. P. As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação obrigatória**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**. Cidade: RJ. Ed. Claro Enigma, 2015.